

ARNOLFO  
CARVALHO

## Economia e Constituinte

A responsabilidade dos constituintes, em apressar a votação dos próximos capítulos, aumenta na proporção em que se agrava a atual crise econômica. De pouco adiantará o esforço que o Executivo quer agora mostrar, com a campanha em favor do corte nos gastos públicos, se não houver uma rápida definição do quadro constitucional, permitindo o reordenamento político do País.

O tempo corre contra quando se trata de enfrentar, tardiamente, a ameaça de hiperinflação sem dispor de tranquilidade e sustentação política para equilibrar a economia do País no fio de navalha que é um programa de ajustamento. Ao apertar o controle monetário, como já se começa a fazer, o crédito escasso leva ao aumento das taxas de juros em toda a economia, caem o consumo e o investimento, com o desemprego configurando a recessão.

Da mesma forma, ao executar uma política fiscal restritiva, baseada no corte de despesas (menos encomendas às empresas, menores transferências ao setor privado sob a forma de salários e benefícios) e aumento da arrecadação, o Governo sabe que estará contribuindo para a queda no crescimento econômico, com todas suas consequências. O segredo do ajustamento ortodoxo é este frágil equilíbrio, entre hiperinflação e recessão.

Quando a margem de manobra política é mais ampla, pressupondo também um quadro social menos explosivo do que o atual, pode-se dar ao luxo de sucessivas correções, ou ajustes no ajustamento. Na situação brasileira, onde quase nada se conseguiu em termos de redistribuição de renda desde a última recessão (1982-83), praticamente não há espaço para contenção de demanda via salário, embora alguns ainda insistam nessa via.

Se o País não conseguir rapidamente algum entendimento político e social para atravessar o programa de ajustamento que o Governo almeja, a ser formalizado inclusive numa Carta de Intenções ao Fundo Monetário Internacional até abril, pode-se esperar o pior dos mundos: ou seja, alguma recessão corretiva, que já aparece como inevitável, combinando estagnação econômica com insistentes taxas elevadas de inflação.

A responsabilidade, nesta altura da crise, é de todos.

29 JAN 1989  
CORREIO BRAZILIENSE